



**Acabou-se!**

Luísa Marques da Silva

**Título**

*Acabou-se!*

**Autora (magnífica e genial)**

Luísa Marques da Silva

Todos os direitos reservados ©2015 Luísa Marques da Silva

**Capa**

Tomás Marques

**2ª edição**

Lisboa, Outubro de 2015

**WNFE**

<http://wnfe.my-free.website>

*Esta edição pode e deve ser distribuída por todas as alminhas que a quiserem ler.  
Comentários, em especial os porreiros, podem ser enviados para [wnfe@sapo.pt](mailto:wnfe@sapo.pt)*

## ACABOU-SE!

Ainda o Henriquinho não tinha feito oito anos, e o J. Cão morreu-lhe nos braços. Era um gato velho e o rapazinho não conseguia conceber a sua existência sem o J. Cão, pois desde que nascera, e desde que se lembrava da vida, o gato estivera sempre lá: gordo, preto, riscado a branco, pachorrento e eternamente esfomeado. Não percebeu o que a Mãe lhe tentou explicar sobre a morte, e também não percebeu porque é que o seu amigo J. Cão não se mexia, não brincava com ele e não aceitava os seus *friskies*. Quando o pai lhe tentou arrancar o bicho dos braços começou a chorar, não porque finalmente tivesse entendido que não voltaria a brincar com o seu gato, mas porque era já suficientemente dramático ver o J. Cão rejeitar comida.

Nessa noite foi para a cama em pranto, e em pranto permaneceu o resto da semana. Tinha umas saudades enormes do seu amigo J. Cão, e a falta que este lhe fazia deixara-lhe uma grande e estranha dor fria no coração. A mãe teve longas conversas com ele, e ao fim de uma semana desistiu de lhe tentar explicar o que era a morte. E passada essa semana Henriquinho deixou de ter lágrimas, apesar de continuar a sentir um frio intenso no peito.

Esta história teria ficado por aqui se o menino não tivesse um único avô que adorava e que também estava muito velhinho. O avô costumava fazer-lhe barcos e animais de madeira, e sempre que lhe oferecia uma peça, sentava-o nos joelhos, afagava-lhe os caracóis negros, e contava-lhe uma história. E que bem que o fazia! Mais do que o prazer que os trabalhos do avô lhe davam como brinquedos, eram as recordações das tardes passadas ao seu colo, a sua voz serena e grave, as suas festas no cabelo, e o turbilhão de personagens imaginárias que desfilavam à sua volta, em

corridas de cavalos, a comandar barcos, a atacar piratas, a conquistar terras, a salvar donzelas, a caçar leões e dragões...

Se o avô não tivesse morrido uma semana depois do J. Cão, talvez o tempo tivesse cicatrizado a ferida do seu coração, e ele talvez tivesse crescido e percebido mais ou menos o que era a morte, e se tivesse mentalizado, como todos os seres do planeta, de que esta era inevitável. Mas a verdade é que o Avô morreu uma semaninha exacta depois do J. Cão, e o Henriquinho não percebia ainda o que era a morte. Assim, chateou-se e disse não: “Não! Ninguém mais das pessoas que eu gosto morre, seja lá o que isso for. Acabou-se!”.

E foi tão forte o seu querer, tão forte a sua vontade que a morte vacilou e durante muitos e longos anos não conseguiu ir buscar mais ninguém da sua família. O problema é que o Henriquinho cresceu e cresceu e cresceu, passou de Henriquinho a Henrique, tornou-se adulto e advogado, depois velho (e advogado na mesma), e, finalmente, muito velho e reformado. E os seus pais, amigos e familiares mais chegados também: centenários. Mas a força do Henrique era tanta que continuavam a viver, muitos deles verdadeiros milagres para a ciência...

\*\*\*

Em Outubro de 1997, a mãe de Henrique fez cento e quinze anos. O pai contava cento e vinte e era o mais velho dos velhos da família gigantesca de Henrique, que incluía duas mulheres, cinco filhos, quinze netos, cinquenta e seis bisnetos e quase duzentos trinets (e o primeiro tetraneto a caminho), imensos amigos, alguns também muito velhos, e um cão, praticamente decomposto...

Nesta altura Henrique tinha noventa e três e ainda não tinha pensado sequer uma única vez na vida em morrer. Já há muito que perdera os lindos caracóis negros, apesar de estes se terem transformado numa farta cabeleira branca, muito razoável para a idade. Os olhos, dantes tão escuros que pareciam irrealis, tinham-se tornado baços com a idade, e agora usava uns pesados óculos de tartaruga. Na chegada aos noventa anos, decidira deixar crescer um bigode e uma pera, que lhe ficavam muito bem segundo a sua terceira mulher. De resto mantinha um porte altivo: magro, pernas altas, costas e pescoço sempre muito direitos. Enfim, um velhinho bem parecido, com

charme suficiente para se perceber que na sua juventude tinha certamente arrebatado muitos corações. De facto, Henrique tinha-se casado três vezes: da primeira era muito novo e muito imaturo, e a mulher, uma aristocratazita rebelde, abandonara-o, fugindo com um actor alemão que entrara no filme *Metropolis*. Chocara toda a família, deliciara as más línguas da época, e provocara o ódio eterno do marido, que deste modo nunca impôs a sua vontade para evitar a sua morte, tendo ela falecido a bordo de um navio, que se afundou um dia depois de ela se ter afogado na piscina.

A segunda mulher, Lídia, alta, magra e perfeita, os olhos azuis mais bonitos de Lisboa, a “*Lauren Bacal* portuguesa”, vivera sessenta anos com ele, e, no dia em que a família festejava a boda de ouro, anunciaram que se iam divorciar, apesar de ainda gostarem muito um do outro. “É como o ursinho de peluche da nossa infância: não deixamos de gostar dele, mas chega a uma altura que deixa de ter sentido dormir com ele na cama”, tinha explicado Lídia aos familiares estupefactos, enquanto Henrique abanava a cabeça em concordância. Separaram-se, mas mantiveram sempre o contacto, e, graças a Deus, Lídia gostava muito da terceira mulher do ex-marido. Maria de Lurdes era uma escritora de policiais eróticos com algum sucesso, uma mulher gorducha e baixota, sempre despenteada e esfomeada, que pintava as sobrancelhas inexistentes e que sobrevivera até aos oitenta e seis anos sem a ajuda de Henrique. Casaram-se em 1990, compraram um barco com tripulação incluída, e foram fazer uma viagem de núpcias de um ano pelo mundo fora. Infelizmente tiveram de voltar oito meses depois, porque Maria de Lurdes começou a ter problemas renais. Ninguém esperou que sobrevivesse quando os médicos foram forçados a extrair-lhe um rim, mas o espanto foi ainda maior quando o outro deixou de funcionar e ela continuou a viver.

Para comemorar o aniversário da sua querida mãe, Henrique resolveu fazer uma festa monstruosa e convidar toda a família e amigos mais íntimos. Eram umas quinhentas pessoas, exactamente cem das quais com mais de noventa anos, existindo sete enfermeiros e um médico entre os presentes, para além de todo o material de apoio: soro, oxigénio, cadeiras de rodas, macas...

O palco da comemoração era uma quinta de família, que conhecera a sua glória quase uma centena de anos atrás, e que pertencera aos seus antepassados maternos. Apesar da decadência evidente, Henrique guardava muito boas recordações dos Verões ali passados, dos banhos no tanque, da apanha da azeitona, das vacas e dos porcos, das ovelhas e dos gatos.

Ocupava cem hectares de terreno, num dos quais estava a casa, um enorme solar de dois andares, a capela, e uma adega, cujo telhado caíra ia para três anos, numa noite de temporal. Pedacos de tinta cor-de-rosa claro tentavam desesperadamente escapar à decadência das paredes e muros que se desfaziam, dia após dia, tornando o casarão ainda mais triste. As portas guinchavam, o chão rangia, as paredes gemiam e a casa toda bradava por descanso, mas ainda não podia ser.

Ao meio-dia celebrou-se uma missa pela alma do Avô do Henrique (e também pela do J. Cão, apesar de este facto ser não oficial), e à uma e meia iniciou-se um glorioso repasto. A quinta combinava com a decrepitude dos convidados mais velhos, e o padre que celebrara a missa aceitara-o com relutância, pois a minúscula capela estava tão podre, que corria o risco de cair em cima dos escassos cem participantes que conseguia albergar. Como os mais novos haviam dado lugar aos mais velhos, provavelmente nunca no mundo e num espaço tão exíguo, a soma de idades dos presentes fora tão infinita como naquela capelita poeirenta. Assim, o padre celebrou a missa quase sufocado com o cheiro a bafio, que não chegou a perceber se vinha da capela se da assistência, rezando interiormente para que a construção não lhe tombasse em cima, em especial uma pesada cruz de madeira com um Cristo em tamanho real, sem cor e corroído pelos bichos, que se inclinava perigosamente para cima do altar, como se os seus braços abertos se preparassem para um amplexo fatal.

Durante o almoço, para além do choro pontual de alguns bebês, o matraquear ritmado de cem dentaduras postiças constituía a música de fundo, pois o *disco-jockey* contratado não tinha entre os seus *CDs* nada que agradasse à mãe de Henrique – afinal a convidada de honra – que lhe pedira *Pointer Sisters*, *Glenn Miller*, e mais uma infinidade de nomes de quem ele nunca tinha ouvido falar.

A família mais próxima de Henrique, – as duas mulheres, os pais, o bom do tio Simão e a respectiva mulher – encontrava-se numa grande mesa redonda, no lugar mais nobre da sala, de onde era possível uma panorâmica geral de todas as mesas e convidados. O almoço foi colorido com alguns discursos, que tiveram o seu momento mais dramático quando o tio Simão, irmão serôdio da mãe, e melhor amigo de Henrique, resolveu lembrar o passado comum, adormecendo metade da audiência e a sua própria pessoa. Os netos e bisnetos de Henrique apressaram-se a deitá-lo num dos dois quartos habitáveis da casa (dos trinta originais, os únicos em que se podia

entrar sem risco de enfiar uma perna pelo soalho adentro), e o senhor lá ficou, um rressonar baixinho, e um sorriso de vida gorda, de quem tinha vivido muitos momentos que valiam a pena ser recordados.

Como Henrique insistira num bolo pejado de velas, depois de um ruidoso “Parabéns a você”, a mãe lá teve de as apagar, praticamente uma a uma, em sopros cansados, até chegar à última, tendo o bolo ficado coberto de cera cor-de-rosa. Depois, esgotada, deixou-se cair na sua cadeira, enquanto os convidados a aplaudiam numa barulheira infernal, acordando o tio Simão que se lhes juntou, no seus passos coxos, espantadíssimo por ter acordado naquele quarto tão estranho.

E assim se foi passando a tarde, no meio de quatro descidas de tensão, um ataque cardíaco e uma trombose, sem consequências fatais graças à vigilância atenta do Henrique. O médico e as enfermeiras andavam em correria de um lado para o outro, mas a maioria dos convivas nem se apercebia da situação, de tal forma já estavam habituados às enfermidades dos parentes mais velhos.

Seriam umas seis da tarde, quando se levantou uma ventania impressionante. A casa começou (também ela) imediatamente a chamar por um médico, fazendo ranger o soalho, perdendo as poucas telhas que lhe restavam, batendo as persianas, enfim, gemendo perante o doloroso temporal que se avizinhava. No conforto artificial da sala faziam-se apostas entre os convidados, se a casa lhes cairia em cima ou não, sabendo já todos de antemão que nada de grave lhes sucederia caso tal acontecesse. Sem nunca se interrogarem sobre o porquê da longevidade da família e amigos do Henrique, todos os que o rodeavam tinham uma confiança cega na vida. E apesar de nunca falarem sobre isso, sabiam que o Henrique era a causa da mortalidade não os atingir, e estavam todos bem assim. Todos? Enfim quase todos.

Meia hora depois do início do temporal, ao vento juntou-se uma chuva diluviana, iluminada de quando em quando por fortíssimos relâmpagos cujo grito de guerra fazia chorar os bebés, tremer a casa e subir as apostas que davam a queda da mansão como certa. E foi então que Ela entrou.

Era exactamente como a maioria das pessoas a imagina: muito alta, muito magra, literalmente cadavérica. Vinha coberta por um comprido manto branco, imaculado e primorosamente passado a ferro, que lhe cobria o corpo até aos pés. Na cabeça trazia um capuz que lhe escondia o crânio rapado até ao osso, deixando apenas a descoberto a face esquelética, de onde

sobressaíam três assustadores buracos: o do nariz e os dos olhos. A boca era impressionante, mas a regularidade e higiene dos dentes brancos tornavam-na o pormenor mais agradável de todo o medonho conjunto. Curioso também, era o crachá amarelo que trazia ao peito: um sorridente *Smile*.

Apesar da elevada estatura, apenas os cem convidados mais velhos deram pela sua presença. E diga-se que apanharam um grande susto. Alguns chegaram mesmo a gritar de pavor, a tapar a cara com as mãos, a levantar-se e dar uma corridinha para um canto mais resguardado do salão, a esconderem-se atrás das cadeiras, mas os mais novos, habituados aos delírios senis, nem ligaram.

A Morte, em passos firmes caminhou para a mesa dos convidados de honra, e parou em frente de Henrique, que já tinha dado conta da sua presença, mas que, ao contrário das outras pessoas de idade, a via apenas como um jogo confuso de cores e luzes, como um caleidoscópio que tivera em criança. A mãe de Henrique e os restantes companheiros de mesa tremiam, encolhiam-se nas cadeiras, e escondiam-se atrás dos guardanapos, intimidados com a personagem.

– Agradecia mais uma fatia – pediu-lhe Henrique simpaticamente, pensando com os seus botões que tinha de mudar de óculos urgentemente, pois mal distinguia os contornos do ser que se lhe dirigia, e que concluía ser um empregado.

A Morte vacilou, surpresa com aquela reacção. Mas depressa recuperou a sua majestosa presença e com a mão fez um sinal ao tio Simão, que se encontrava à esquerda do Henrique, para que desaparecesse rapidamente. O tio Simão saltou da cadeira tão depressa quanto lhe permitiu a perna de pau, e foi agachar-se do outro lado da sala, junto à mesa do *disco-jockey*, que ainda não parara de refilar por só ter pedidos de músicas dos anos vinte. Estava habituado a trabalhar nestas festas familiares, punha Quim Barreiros, punha o “Apita o comboio”, e as pessoas ficavam contentes. Mas estes... cotas... estavam sempre a pedir coisas esquisitas...

– É lamentável, ainda não fomos apresentados. – disse a Morte sentando-se no lugar do tio Simão. – Sou a Morte. – E estendeu-lhe a mão ossuda.

– Morte? – Fez um esforço para focar os olhos na estranha personagem. Cheirou o ar. Fosse ela quem fosse, cheirava a *Old Spice*. Não via a mão

estendida. Também não se lembrava de ter nenhuma conhecida com um nome tão mórbido, mas sem querer ser indelicado, chamou o empregado:

– Traga uma fatia de bolo a esta senhora... senhor (lembrou-se do perfume)... E outra para mim, se faz favor.

O empregado era um rapaz gorducho, de cabelo espetado e grandes bochechas vermelhas, o Joaquim, e não conseguia ver ninguém no lugar que Henrique indicava, mas como já tinha percebido que aquela não era uma festa convencional, foi buscar uma fatia de bolo de chocolate com nozes.

– Obrigado, – agradeceu a Morte. – mas não vim cá para comer.

– Não me diga que está a fazer uma dessas estúpidas e perigosíssimas dietas, minha querida senhora. Diga-lhe que é perigoso Maria de Lurdes – E virou-se para a actual mulher, ficando espantadíssimo por esta tremer dos pés à cabeça, e apresentar um tom de pele esverdeado.

– Que foi querida? Não se sente bem? Quer que chame o Dr. Costa?

Maria de Lurdes abanou a cabeça, perdendo dois ganchinhos que Lídia a obrigara a pôr para controlar o cabelo rebelde, despenteado-se automaticamente. Tinha a boca semiaberta, o rosto contraído, e nos olhos um terror. Depois, num impulso que lhe soltou uma madeixa, chegou-se ao ouvido do marido e segredou-lhe a novidade.

Henrique ficou calado, a digerir o que lhe tinham acabado de contar. Durante uns segundos brincou com as mãos e olhou fixamente para o bolo de nozes. Depois sorriu, virou-se para o caleidoscópio, e estendeu a mão.

– Finalmente conhecemo-nos!

A Morte apertou-lha.

– Finalmente.

– Não a vejo muito bem, devo confessar, – disse para fazer conversa – mas parece-me que não traz a foice, como nos livros.

A Morte riu-se, bem humorada.

– A foice? Isso era quando o mundo era novo e havia pouca gente. O trabalho era mais personalizado e para isso lá estava a foice. Agora, com esta sobre-população, já há maquinaria eléctrica muito sofisticada, capaz de colher uns milhares de almas ao mesmo tempo.

Riu-se, tinha acabado de dizer uma boa piada sádica. Uma foice? Os humanos eram tão básicos. O que é que ela ia fazer com uma foice? Ficou espantada por ninguém se rir e por Maria de Lurdes começar a bater os dentes.

– Era uma piada. Nunca usei foice. Isso foi algum idiota que inventou e que ficou para a história. Como a cretinice do Pai Natal se vestir de vermelho, do *Smokingman* ser pai do Mulder, do Vento ter uma bochechas gordas, ou da Cleópatra ter um nariz bonito.

Silêncio de Morte.

Na mesa ninguém ousava falar: estavam todos apavorados com a presença da grande ceifeira, que por sua vez estava envergonhada com o insucesso da sua piada, e mantinha um silêncio vexado. Henrique, o único que se mantinha absolutamente calmo, estava de tal maneira concentrado no caleidoscópio que tinha em frente que se esqueceu de fazer conversa. Tal como o brinquedo que tivera em menino, via continhas coloridas mudar de posição, uma forma circular dividida em seis faces, que mudavam de aspecto quando ele mexia a cabeça. Era bonito de ver.

Todos os velhos da sala olhavam para a mesa central, apavorados com o combate que se adivinhava. Quase que não respiravam. O silêncio acelerava-lhes perigosamente o coração. Quem daria o próximo passo?

– Quer que sirva o champanhe? – interrompeu bruscamente o empregado Joaquim, inconsciente do duelo que se travava à sua frente, e quase matando a assistência de ataque cardíaco. – Aposto que tem um belo discurso para fazer à sua rica mãezinha. – deu uma palmada amigalhaça no ombro do Henrique.

– Sirva, sirva, – pediu a Morte – Eu tenho um discurso para fazer.

Joaquim não ouviu as palavras e continuou a olhar para Henrique, que finalmente assentiu.

– Então cinco minutos... – E foi-se embora a cantarolar uma música dos *Alphaville*, que lhe veio de repente à cabeça.

– Discurso, discurso, discurso! – começaram de repente a gritar os mais novos, enquanto os empregados lhes serviam champanhe.

– Se me dão licença... – pediu a Morte educadamente, fazendo um leve vénia a cada senhora. Levantou-se e caminhou até ao meio da sala.

– Os que me conseguem ver sabem para o que venho. Não receais amigos, mas já tarda.

Os velhinhos arrepiaram-se todos, mas o resto da família continuou a gritar: “Discurso, discurso!”.

Um trovão ecoou pela casa. As apostas na catástrofe voltaram a subir, e, no meio da gritaria, Henrique pediu silêncio. Todos se calaram. Lá fora a tempestade desobedecia-lhe e tornava-se cada vez mais violenta.

– Não a consigo ver bem, e não queria ser indelicado, mas creio que se deslocou em vão, e que perdeu o seu precioso tempo para nada.

Apesar de não terem percebido o sentido das palavras de Henrique, os familiares juniores aplaudiram com entusiasmo.

– Acredite caro Henrique, que levarei companhia na minha partida.

– Não levará ninguém.

– Então deixe-me desafiá-lo para um duelo. Quem vencer dita as regras.

– Ora, se a senhora ... senhor... é a Morte, como é que a posso vencer num duelo? Por definição um duelo destina-se a provocar a morte de alguém, e no seu caso...

– Referia-me a um braço de ferro...

– Braço de ferro? Bem sabe que a minha força não está no meu corpo. Não me está a dar muitas hipóteses...

Os juniores continuavam a aplaudir carinhosamente cada frase do Henrique. “Está gagá”, era a convicção geral; “Bravo, bravo, viva, viva”, continuavam a gritar eufóricos com o vinho e com a barulheira.

A Morte irritou-se finalmente:

– Se me deixar acabar. Referia-me a um braço de ferro de vontades. A sua contra a minha. Eu quero que me veja, que me perceba. Algo que até hoje não consegui. Mas agora estou preparada para o enfrentar.

– Então assim seja. – Henrique cruzou os braços e ficou parado a olhar para o caleidoscópio, em desafio.

Os mais jovens fizeram a ovação final, pensando que o discurso terminara, e voltaram-se de novo para os pratos, comentando uns com os outros que Henrique estava “estranho”, “complicado”, “baralhado”, “surreal”, ... Os outros não tiravam os olhos do par da noite, sabendo que a sua vida estava por um fio.

– Há uma lei natural nas coisas, – explicou-lhe a Morte. – as pessoas nascem, vivem e no fim morrem. Tem as suas coisas boas e as suas coisas más. Mas é tão inevitável como cair a noite e nascer o dia. É assim. A natureza é assim. E assim tem de ser.

– E quem é que decidiu isso? Consultou quem? Quem concordou? Quantos votos a favor? Quantos contra? Quantas abstenções?

– Não é capaz de abstrair um pouco? – A Morte estava a começar a ficar enervada. Aquele Henrique era duro como uma pedra. – Não tem curiosidade em saber o que há do outro lado?

– Quando vai ao cinema e está a ver um bom filme passa-lhe pela cabeça ir espreitar a saída para ver o que está do outro lado?

– Ah! Então compreende que existe uma porta de saída. Ninguém lhe pede para se ir embora a meio do filme. Mas compreende que no fim tem de sair?!

– E se eu estiver a gostar do filme e quiser ficar para uma segunda sessão?

– Pagou bilhete para uma sessão. Quando acaba, sai.

A voz da Morte tornou-se autoritária. Por momentos Henrique vacilou. E num milionésimo de segundo teve a visão da Morte como os outros a viam. Mas foi realmente uma ínfima fracção de segundo. Logo depois o rosto iluminou-se-lhe:

– Não saio, e se quiser chame o gerente. Não percebe que o meu filme é demasiado bom? É daqueles em que na segunda, terceira, quarta visualização ainda se apanham pormenores novos e fascinantes. E os actores são óptimos. Não me importo se a sala cheira a bafio, se as cadeiras são desconfortáveis e fazem doer o corpo, se o isolamento é mau e se ouve o filme da sala do lado, se a qualidade do filme é miserável. Não me importo. O meu filme é maravilhoso. Tem um guião maravilhoso... Não, minha amiga, daqui não saio.

Henrique sorria, contente com o seu próprio discurso. De repente olhou à volta confuso: o caleidoscópio deixara de ser visível aos seus olhos.

– Onde está? Desculpe, não a vejo... o vejo. De todo.

A Morte suspirou fundo. Aproximou-se de Henrique e estendeu-lhe a mão:

– Já que não o consigo vencer de outra maneira, tenho uma coisa para si. – e pôs-lhe na mão um pedaço de madeira. Henrique olhou para o objecto tosco e voltou a olhar interrogativamente para o lugar de onde ouvira a voz grave da Morte. Qual era a ideia? O que era aquela coisa?

– Não percebe o que aí tem?

Henrique abanou a cabeça quase com pena.

A Morte baixou os braços. Tinha perdido. Henrique era forte demais. Mas também, se não a conseguia ver a Ela, era normal que não conseguisse ver o objecto além-túmulo. O que é que estava à espera?

– Ganhou. Aceito a minha derrota. Mas regressarei um dia. – E, cheia de dignidade, voltou as costas e caminhou, alta e direita, quase graciosa, para a

porta. Toda a gente de idade suspirou, mas muitos deles sentindo uma curiosa sensação de decepção.

E foi então que o J. Gato se manifestou.

J. Gato era o cão do Henrique e contava oitenta anos. Miraculosamente ainda via alguma coisa e andava. Era surdo, tinha perdido todo o pêlo e não controlava praticamente nenhum órgão do seu organismo, mas ainda se deslocava sozinho, com muito custo e muitos rastejos.

Ganiu baixinho e arrastou-se atrás da Morte que o ouviu e voltou-se. O cachorro aproximou-se mais e mais, devagarinho, e começou a lambê-lhe as mãos. A Morte dobrou o joelho e fez-lhe muitas festas. J. Gato abanava o rabo.

– J. Gato, – chamou o Henrique. – já aqui.

Mas J. Gato limitou-se a virar a cabeça, e a deitar-lhe um triste olhar, misto de remorso e de despedida. Depois voltou a olhar a Morte e ficou à espera que esta se mexesse para a seguir. – O J. Gato já não aguenta mais esta decadência, – explicou a Morte. – para ele já chega. – E, levantando-se, preparou-se para partir de novo.

– Espere! – gritou uma voz fraquinha. – Eu também vou consigo.

E perante o olhar incrédulo de Henrique a mãe levantou-se da cadeira. O pai levantou-se de seguida:

– Marta?

– Vens comigo?

O marido olhou bem para ela: não viu as rugas, nem os cabelos brancos, nem as manchas de velhice que lhe cobriam a cara, nem o peso enorme da vida longa que lhe vergava as costas. Viu dois olhos negros que imploravam por paz, e percebeu que também olhava para dentro de si próprio. Sorriu-lhe:

– Vou. Claro.

De braço dado passaram devagarinho por Henrique e pararam. Não disseram palavra: Marta fez-lhe uma festa na cara. Depois, sem olharem para trás foram-se juntar à Morte.

– Mãe, Pai? Estão loucos? – Henrique não queria acreditar que os Pais partiam. Sentia-se traído.

Mas antes que os pudesse tentar convencer, foi o êxodo entre os representantes da terceira idade, levantando-se das suas cadeiras e dirigindo-se para a porta. Uns caminhavam com o auxílio de bengalas, outros nas cadeiras de rodas. Apoiavam-se entre eles, e, num esforço conjunto,

transportavam as macas dos que não se conseguiam deslocar; levavam o soro, as muletas, as ligaduras, as arrastadeiras, as almofadas... e isto no meio dos mais novos, atónitos, que observavam espantadíssimos a movimentação dos velhinhos.

No rosto enrugado de Henrique corriam lágrimas. Continuava a não perceber. Estava ali estático, sem palavras. Para onde é que eles iam? Para onde? Para onde? Meu Deus, para onde?

Uma mão no ombro fê-lo voltar à realidade. Olhou para trás e viu Lídia na outra extremidade da mão. E Maria de Lurdes a seu lado.

Olharam-se demoradamente.

– Eu era linda. Linda de morrer. E agora sou uma velha carcaça.... mas nem é isso que mais me custa. É ver o mundo mudar, olhar em volta e não me sentir identificada com nada. Moda, música, literatura, cinema... até a comida... já não são feitos para mim.

Depois pôs-lhe a mão no peito, empurrou-o levemente para passar, e afastou-se sem desviar dele os belíssimos olhos azuis.

Maria de Lurdes aproximou-se de seguida. Pôs-se em biquinhos de pés, deu-lhe um beijinho e explicou-lhe meia envergonhada: “sabes, não tem muita piada não ter rins. Eu amo-te, mas mesmo o amor tem o seu tempo. Ou então começa a apodrecer. É como os iogurtes: fica fora do prazo.”.

Depois a Morte abriu a porta e saíram todos em fila. O último a sair, o tio Simão, deitou um último olhar à sala, aos filhos e netos, sorriu e fechou a porta devagarinho.

O criado Joaquim, perturbado com a situação a que assistira sem perceber nada, correu para a porta e abriu-a. Todos tinham desaparecido. Mas as janelas do *hall* de entrada estavam escancaradas, e a trovoadá refulgia lá fora. Uma camada inimaginável de pó de todas as cores esvoaçava pela divisão, em grandes rodopios, e o pobre do Joaquim começou a espirrar, aflito. O pó entrava-lhe pelo nariz e fazia-lhe comichão nos olhos. Fechou a porta o mais depressa que pôde, a pensar com os seus botões que se calhar tinha abusado do tinto nas suas idas à cozinha. Tinha a cara, o cabelo de vassoura e o avental cobertos da poeira colorida. Era como se tivesse esmagado pauzinhos de giz no chão e tivesse estado a rebolar-se neles.

Os restantes convivas estavam de boca aberta. Olhavam, ora para o Henrique que chorava em silêncio, ora para Joaquim que limpava a cara empoeirada com o avental ainda mais sujo, sendo lamentável o resultado. Onde estavam os queridos velhinhos? O que tinha acontecido? Começou a

correr o boato de que tinham partido todos nalguma excursão maluca para a terceira idade, daquelas à Batalha ou a Fátima, em que os organizadores oferecem um cabaz com uma lata de salchichas *Nobre*, uma de pêsego em conserva e uma garrafinha de *Porto*, para além de uma fantástica barra de chocolate *Regina*. Assim, mais sossegados, foram acabar de comer e beber, e, pouco a pouco despediram-se de Henrique.

Às onze da noite estava finalmente sozinho na sala, com os criados que se atarefavam à volta das mesas e com o *disco-jockey*, que adormecera a um canto, sonhando que jogava cartas com o *Al Capone*, e que fazia *bluff* ao som da *Fafá de Belém*.

Enquanto se despedia distraidamente da família, Henrique não parava de observar a madeirinha que ainda conservava na mão: uma forma cilíndrica com uns trinta centímetros de comprimento e dez de diâmetro. Mas por mais que puxasse pela cabeça, aquilo não representava nada para ele. Fazia-lhe lembrar os pedaços de madeira em bruto que o avô usava para fazer os seus brinquedos, mas mais nada. Mais nada.

Henrique suspirou fundo e foi dar uma volta pela casa. Com cuidado para não se enfaixar em nenhum degrau putrefacto, subiu ao primeiro andar. E passeou pelos quartos, até chegar ao que tinha sido seu quando era pequenino. Ainda lá estava a enorme cama de dossel, com uma das traves bastante danificada e pronta a deixar cair o tabuleiro superior. Para seu espanto, ao lado da cama, encontrou o baú onde guardava os brinquedos que o avô lhe oferecia. Estava todo rebentado, o fecho tinha desaparecido e estava vazio. Vazio de brinquedos, cheio de aranhas. E lá estava também a velha cadeira de balouço, onde se costumava sentar e dar balanço com a esperança infantil de um dia chegar ao céu. Aproximou-se da janela e abriu-a, deixando entrar a tempestade e a noite. Puxou a cadeira mesmo para a frente da janela e sentou-se, cuidadosamente, não fosse esta dar o último suspiro com ele em cima. Mas os seus receios eram infundados, e a cadeira começou imediatamente a embalá-lo, como se fosse ela quem dirigia, como se estivesse contente por se sentir útil de novo.

A beleza da intempérie fê-lo lembrar-se do medo que tinha dos trovões quando era menino. Sentiu a chuva molhar-lhe a cara e o peito. Deliciou-se com o movimento monótono da cadeira.

E assim adormeceu.

Começou a sonhar que voava. Mas não ia sozinho no seu voo: com ele ia o querido J. Cão e o adorado avô. Era uma maravilhosa sensação de liberdade, acompanhada por uma estranha vertigem.

Está Sol, um início de dia lindo e, lá no alto, vê o mundo inteiro: um pescador que atira a sua isca e um casal abraçado na praia; vê uma mulher grávida que faz *tricot* num alpendre, e um menino na escola a meter os dedos no nariz; vê uma senhora de idade a contar a história do lobo mau a uma criança que brinca com as tranças escuras, e uma rapariguinha que estende distraidamente a roupa branca enquanto tenta apanhar as palavras mágicas da mulher.

E de repente o Sol está a pique. Escalda.

E vê um cão a correr atrás de uma ovelha gorda e perdida, a erva verde a crescer debaixo das patas ágeis do cachorro, uma margarida a esforçar-se por vingar no meio da erva, uma minhoca a aproveitar a sombra da margarida e um pássaro a descer em voo rasante, a apanhá-la com o seu bico e a levá-la para o seu ninho, de onde cai um passarinho fraquinho que serve de alimento a uma gata grávida e esfomeada que passa pela vizinhança.

E de repente o Sol está quase a desaparecer no horizonte de fogo.

E Henrique vê uma rã que saltita num charco, e o rio que desce, depressa, cada vez mais depressa, e uma árvore que perde as suas folhas – uma folha cai no rio e lá vai; vê uma roseira e sente o cheiro das rosas, das flores, dos canteiros, das árvores, do bosque, da floresta, do mundo.

E de repente é noite.

Henrique acorda bruscamente. Continua sentado na cadeira de balouço.

Pensa no seu sonho e nos acontecimentos passados. Pensa na vida. Na vida. No ciclo da vida.

Depois lembra-se do tronco, olha-o e, com grande espanto, reconhece automaticamente a forma. Não pode ser o mesmo objecto! Como é que não viu logo? Tem entre mãos um trabalho do avô. Sem dúvida que é um brinquedo dele: a maneira como as arestas foram limadas, os acabamentos, o tom da madeira ... e mesmo o cheiro do verniz... Não, não tem mais dúvidas... é um trabalho do avô. É um trabalho do querido avô apesar de este ter morrido em 1912, há oitenta e cinco anos. Como é possível não percebido antes? Como é possível não ter visto antes? Como é possível?

Henrique sorri. E acarinha o *fórmula 1* de madeira, impecavelmente talhado, que tem nas mãos.